



# O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

Coordenar a luta pelas reivindicações económicas  
dos trabalhadores e pela defesa da Paz  
é a tarefa da hora presente

A situação económica das massas trabalhadoras do campo e da cidade piora a cada dia que passa. O desemprego, a fome e a miséria tornam-se um pesadelo constante para centenas de milhares de trabalhadores. Paralelamente o custo de vida aumenta sem cessar e o patronato de mãos dadas com os governantes fascistas desencadeia uma verdadeira ofensiva contra os já baixos salários dos trabalhadores.

As cláusulas dos contratos colectivos favoráveis aos trabalhadores não são cumpridas, ou são simplesmente suprimidas. A Providência e o abono de família sofrem cortes substanciais e, em muitos casos, são mesmo suprimidos e o subsídio de desemprego é inexistente, sendo os milhares de contos descontados aos trabalhadores gastos em tudo menos em subsidiar os desempregados.

Entretanto, as perspectivas do dia de amanhã são bem mais negras do que a realidade de hoje. A monopolização do país colocou a economia nacional na dependência dos monopolistas norte-americanos; a indústria e a agricultura nacionais são asfixiadas em benefício dos industriais e agricultores norte-americanos. Com a adesão de Portugal ao agressivo Pacto do Atlântico, a camarilha salazarista transforma o país numa praça de armas ao serviço dos empreiteiros de guerra anglo-norte-americanos. A política de guerra da camarilha salazarista consome anualmente muitas centenas de milhares de contos em prejuízo de obras de fomento que dariam trabalho a todos. Ao abrigo do Pacto do Atlântico comessará a chegar dentro em breve armamento americano para fins de guerra.

Esta política anti-nacional significa para todos os trabalhadores portugueses mais desemprego, mais miséria e mais fome e para Portugal a perda total da sua independência.

Dai a necessidade de se organizar em todos os locais de trabalho a luta pela defesa da paz, contra a política de guerra da camarilha salazarista, reivindicando que as centenas de milhares de contos destinados para preparativos militares agressivos e para pagamento do material de guerra americano, sejam gastos em obras de fomento úteis ao país.

É necessário fazer compreender a todos os trabalhadores que a luta em defesa da paz está intimamente ligada à luta pela defesa dos seus interesses económicos, sociais e políticos, e, portanto, que lutar pela defesa da Paz representa ao mesmo tempo lutar pela defesa dos seus interesses mais imediatos: contra o desemprego, por pão ou trabalho, por aumento de salários, pela própria vida. E, para isso é necessário que em todos os locais de trabalho, de habitação e de reunião se constituam Comissões de Defesa da Paz para coordenarem e dirigirem a luta de todos pela Paz e contra a proibição incondicional da arma atómica.

A tarefa imediata destas Comissões deve consistir em mobilizar e organizar os trabalhadores do campo e da cidade para sobreviverem ao pe-

de Stokolmo, reivindicando a proibição da arma atômica. Por outro lado, é necessário intensificar o trabalho de organização e de mobilização dos trabalhadores dos portos, principalmente do porto de Lisboa, para, seguindo o brilhante e heroico exemplo dos seus camaradas de França, Itália, Bélgica, Holanda, etc., se recusarem a descarregar os barcos com material de guerra americano.

No momento presente em que centenas de milhares de trabalhadores da cidade e do campo se encontram desempregados, total e parcialmente, e em que as perspectivas para muitos outros é também o desemprego, impõe-se organizar sem perda de um momento a luta contra esse pesado dos trabalhadores, fomentando, organizando e constituindo Comissões de Unidade de Desempregados para, em nome e com o apoio de todos os desempregados de cada empresa, de Zona, de indústria, de cidade ou região, exigirem junto dos patrões e das autoridades **PÃO OU TRABALHO**. Bem assim para exigirem que o dinheiro do Fundo do Desemprego seja aplicado em subsídios aos desempregados. Por outro lado, é preciso desenvolver todos os nossos esforços no sentido de se levar aqueles trabalhadores que ainda têm trabalho assegurado a apoiarem e a participarem na luta dos desempregados porque, fazendo-o, defendem-se a si próprios do desemprego e dos baixos salários, o mesmo é que dizer, defendem-se da miséria e da fome.

A luta por aumento de salários e pela defesa das regalias dos trabalhadores conquistadas em lutas anteriores, deve continuar na ordem do dia. A palavra de ordem deve consistir em se reclamar salário proporcional ao custo da vida. Para isso, cada organização e cada militante do Partido deve tomar a iniciativa para fomentar e organizar Comissões de Unidade em todos os locais de trabalho: nas oficinas, nas fábricas, nas empresas, nas estradas, nas herdades, nos montes, nos escritórios, enfim, em toda a parte onde haja assalariados — Comissões de Unidade compostas por homens, mulheres e jovens decididos e capazes de dirigirem firmemente a luta de todos os trabalhadores que representem.

Cada militante e cada organização do Partido deve tomar a iniciativa de ajudar os trabalhadores a elaborarem os seus cadernos reivindicativos próprios e popularizá-los entre os trabalhadores a que digam respeito, para que lhe possam dar o seu apoio, introduzirem as modificações que entenderem e se disponham a lutar pela conquista das reivindicações expostas nos Cadernos Reivindicativos.

Mas, se isto é muito importante e mesmo fundamental, ainda não é tudo. Não basta fomentar e organizar as lutas reivindicativas das classes trabalhadoras. É preciso dirigilas correctamente.

Nalgumas lutas travadas ultimamente nalgumas indústrias importantes, começou-se a organizar a luta por cima, constituindo-se primeiro as Comissões Gerais, quando a rica experiência dum passado recente, nos ensina que é pela constituição de Comissões de Unidade nos locais de trabalho, nas oficinas, nas fábricas e nas empresas, que se deve começar e partir-se daqui para a constituição e eleição das Comissões Gerais. Certamente que isto não quer dizer que se espere que estejam constituídas Comissões em todas as fábricas de determinada indústria e de determinada cidade ou região para se encetar a luta. Ao contrário; Comissão formada, Comissão a agir pelas reivindicações respeitantes a cada oficina, ou mesmo secção, cada fábrica, a cada empresa, etc..

Como não podia deixar de ser, as diligências das Comissões Gerais junto dos Sindicatos, do I.N.T. e de outras autoridades fascistas não foram acompanhadas pela acção das massas junto dos patrões. E, por isso, as Comissões Gerais não tiveram a acompanhá-las o apoio massivo dos trabalhadores que representavam. E, porque? Porque não se soube organizar Comissões de Unidade nas fábricas para coordenarem e dirigirem a luta junto dos patrões e para mobilizarem os trabalhadores de cada fábrica, ou secção, para apoiarem as diligências das Comissões Gerais. Mais: porque ainda se não compreendeu que o principal e mais importante campo de batalha são as fábricas, são as empresas, é o local de trabalho. Isto sucedeu ainda, porque não se tem sabido romper com as concepções legalistas e oportunistas dalguns elementos influentes das Comissões Gerais e mesmo de alguns membros do nosso Partido, que tudo pensavam e



pensam resolver à boamente e desligados das massas com os traidores de muitos Sindicatos Nacionais e com os dirigentes fascistas do I.N.T., sem darem conhecimento aos trabalhadores das suas diligências. E, por isso, os trabalhadores pouco ou nada sabendo e não tendo organismos orientadores a indicar lhes o caminho justo a seguir, não podiam de forma alguma apoiar massivamente e participar activamente na luta.

O resultado desta errada orientação e de falta de firmeza dalguns elementos das Comissões Gerais tem sido que, tanto o patronato como os dirigentes dos S.N. e do I.N.T. não têm ido além de promessas para ganhar tempo e, em muitos casos, de ameaças. E, porquê? Porque conheciam que, embora as reivindicações apresentadas pelas Comissões Gerais representassem o desejo e aspirações de todos os trabalhadores que representavam, os trabalhadores não estavam mobilizados e organizados suficientemente para lutarem firmemente por elas.

Para que a luta seja bem dirigida e possa ser travada com sucesso é imprescindível que se organizem Comissões de Unidade e mais Comissões de Unidade em todas as oficinas, fábricas, empresas, em todos os locais de trabalho e que à sua frente sejam colocados pelos trabalhadores, homens e mulheres de reconhecida honestidade e combatividade, homens e mulheres que sejam carne e sangue dos próprios trabalhadores, homens e mulheres que sejam capazes de em assembleias e reuniões e concentrações porem os seu companheiros de trabalho ao corrente dos seus problemas e de conquistarem o seu apoio franco, aberto e activo na defesa dos seus próprios interesses de classe.

## Organizemos a defesa da Paz

**O**pondo-se aos agressivos planos dos imperialistas e dos fascistas que têm como objectivo o desencadeamento duma nova guerra de agressão contra a U.R.S.S. e as Democracias Populares, os democratas e as pessoas honestas de todo o mundo, que têm bem presente os horrores da última guerra, organizam a defesa da PAZ. Mais de 800 milhões de pessoas das mais diversas concepções políticas e religiosas de todo o mundo, organizadas no poderoso Movimento dos Partidários da PAZ, opõem-se decididamente aos criminosos desígnios dos fomentadores de guerra.

Em Portugal, a despeito da evidente política agressiva realizada pelo governo fascista de Salazar que alinha com os fomentadores de guerra, há ainda muitas camaradas que não compreenderam a importância e a necessidade de se organizar especificamente a luta pela defesa da PAZ. Se é certo que a luta que nós travamos contra o fascismo salazarista nos campos económico, político e ideológico é já em si uma luta pela defesa da Paz e contra os fomentadores de guerra no país, se é certo que a luta que conduzimos pela independência nacional contra o imperialismo estrangeiro e contra a política de submissão conduzida pelo governo fascista de Salazar é também uma luta em defesa da PAZ, não é menos certo que a circunstância de não dedicarmos uma maior e mais especial atenção ao problema da organização da luta pela defesa da PAZ impede a possibilidade de mobilização de mais largas camadas da População.

No terreno da luta pela PAZ e ante a contingência do nosso país ser arrastado à nova carnificina mundial que os fomentadores de guerra preparam com a colaboração activa do governo de Salazar, é possível, ao nosso Partido, trazer à luta contra o facismo e a sua criminosa política de guerra novas camadas da população que até hoje têm vivido à margem desta luta e ombrearão conosco.

Como organizar a defesa da PAZ e como devem agir os comunistas?

Em primeiro lugar a tarefa fundamental e sem a qual nada será possível, é desmascarar impiedosamente de forma persistente e constante os objectivos dos fomentadores de guerra que o governo de Salazar apoia e com os quais colabora.

Para tal, os comunistas têm de ganhar a prova de maleabilidade e de



to político no aproveitamento de todas as oportunidades de desempenhar a sua tarefa. Todas as possibilidades de agitação e propaganda, devem ser aproveitadas. Não devem ser desperdiçadas nenhuma oportunidade como até agora tem acontecido algumas vezes. É preciso convencer as massas da presente realidade: **O FASCISMO PORTUGUES CONDUZ PORTUGAL A UMA CARNIFICINA MUNDIAL E QUE ISTO SÓ PODE SER EVITADO SE TODO O POVO SE OPOZER DECIDIDAMENTE AOS DESÍGNIOS CRIMINOSOS DO GOVERNO E DA CAMARILHA SALAZARISTA.**

A segunda tarefa é a organização de acções concretas de luta pela Paz. A realização desta tarefa, que no fundamental tem de ser legal se queremos que as mais amplas massas da população portuguesa participem nelas, exige dos comunistas muita perseverança na acção diária junto das massas. Não devemos esquecer que estamos em regime fascista e que este fará tudo que estiver ao seu alcance para atemorizar as massas e impedir a organização de acções concretas de luta pela Paz. Só evitando as acções isoladas e individuais e entrando decididamente no caminho da mobilização de massas paralizaremos a acção repressiva do governo.

A organização de comissões nas cidades, vilas, aldeias, locais de trabalho, escolas, sociedades de recreio, clubs desportivos, etc., que tenham como tarefa a realização de acções concretas como a recolha de assinaturas apoiando a declaração do Comité Permanente do Congresso dos Partidários da Paz, o pedido de realização de reuniões públicas para tratar do problema da Paz, abaixo-assinados e protestos contra determinadas medidas governativas com fins guerreiros como o envio de tropas para Macau, adesão de Portugal ao Pacto do Atlântico, etc., deve ser a tarefa dos comunistas e de todos os activos lutadores pela defesa da Paz. Estas comissões devem ser constituídas por grande número de pessoas, homens, mulheres e jovens, e procurar o apoio das largas massas da população.

Só assim nós atingiremos os objectivos em vista: **MOBILIZAR O MAIOR NÚMERO DE PESSOAS E PARALIZAR A ACÇÃO REPRESSIVA DO GOVERNO.**

## A SOLIDARIEDADE E OS FUNDOS DO PARTIDO

Há camaradas, que não fazem um esforço sério, para compreenderem o que significa para a vida do nosso Partido, os fundos.

Apesar de documentos da Direcção do Partido salientarem que, sem fundos não podem as nossas principais organizações cumprir a sua missão, serem defendidos os nossos quadros de direcção, funcionários e aparelhos técnicos, melhorando duma maneira geral todo o nosso trabalho partidário.

Essas incompreensões manifestam-se com mais nitidez, quando nos sectores onde actuam esses camaradas, se registam algumas prisões ou perseguições; perdem então a perspectiva e dominados por sentimentalismos pequeno-burgueses só encontram uma saída para auxiliar as famílias atingidas — **UTILIZAR OS FUNDOS DO PARTIDO** —. Agarrados a essa ideia cómoda e oportunista, substituem a importância das batalhas que há longos anos o Partido vem travando contra o regime opressor de Salazar e desviam-se do caminho justo — o da luta — pelo qual se deve caracterizar a campanha da solidariedade em prol das vítimas do fascismo português; teimam em não compreender que será na base duma larga mobilização entre todas as camadas da população, apelando para todos homens e mulheres honrados, que os resultados dessa campanha serão duplamente conseguidos; — económico e político. Económico, porque o auxílio saltará do marco restrito do pequeno grupo de fábrica, empresa ou bairro, para se estender a toda uma cidade ou até região. Político, porque mobilizarão amplas camadas da população pondo a nu o regime de terror de Salazar e reforçando o campo democrático.

Exemplos desta orientação justa do nosso Partido, são os do auxílio aos grevistas da Construções e Reparações Navais de Lisboa, são o auxílio prestado pela população da Covilhã, Gouveia, etc., aos grevistas da Serra da Estrela em Abril de 1916, são os do povo algarvio, quando da vaga de prisões em 1918, são os da campanha para as vítimas do Terrafal, são ainda





o movimento nacional quando do julgamento de Maria Machado, etc.

Este é o caminho que o Partido aponta aos seus militantes e simpatizantes, porque, só deste modo, a solidariedade será efectiva, porque se apoiará na movimentação das massas e ainda porque levantará o sentimento de honra nacional contra os crimes e violência salazaristas.

Esses camaradas que «argumentam» que a solidariedade às vítimas do fascismo deveria sair dos fundos do Partido, não querem compreender que isso significa enfraquecer a vanguarda organizada da classe operária, como parece por outro lado, fecharem os olhos aos grandes objectivos na hora presente—acabar com o reinado de fome salazarista, libertar a nossa Pátria da tirania fascista, conquistar a Democracia—

Façamos, camaradas, um esforço para compreender o papel do militante comunista em face à solidariedade a prestar às famílias dos valentes homens e mulheres, que na luta diária caem nas masmorras salazaristas!

Organizando e mobilizando numa larga escala campanhas de solidariedade e auxílio às vítimas do fascismo!

E, compreendamos, por outro lado, que os fundos do nosso Partido, dados pelo nosso povo, são destinados a apetrechar o nosso Partido, a fim de poder cumprir com as suas pesadas responsabilidades, de varrer para sempre o fascismo de Portugal.

## FIRMES E INTRANSIGENTES ANTE A POLÍCIA

No partido não cabem os traidores e os cobardes

Uma das tarefas mais importantes que se colocam diante do nosso Partido é fazer com que nenhum dos seus membros, ao cair na polícia, se transforme num denunciante, num traidor, mas pelo contrário, que todos saibam, perante o inimigo, **SER FIRMES E INTRANSIGENTES.**

No partido não devem repetir-se os casos como os de José Martins, Augusto Pereira de Sousa e Brito do Amaral, já publicamente denunciados e expulsos do Partido como traidores.

No Partido não devem repetir-se casos, como por exemplo, os de Arquimedes da Silva Santos, David Carvalho, António Júdice, Fernando Pinto Loureiro, Mário Campinho, Mário Temido, Diniz Jacinto Oliveira e Silva de Coimbra, Fernando Cunha e António Monteiro do Porto que à polícia denunciaram organizações, camaradas e processos de trabalho do partido torcendo-se deste modo auxiliares do inimigo contra o Partido, contra todo o movimento anti-fascista. Ao mesmo tempo que os desmascara o partido desde já os expulsa das suas fileiras.

Estas pessoas não podem, com razão, alegar desconhecimento de qual devia ser a justa posição a tomar no caso de caírem nas mãos da polícia. Pelo contrário da sua parte não faltaram garantias dadas de que se por ariam de modo totalmente diferente daquele de como se comportaram. Este facto vem, com efeito, aumentar a já elevado grau das suas responsabilidades. Por outro lado vem também provar de novo que não basta fazerem-se afirmações e promessas. O que interessa, principalmente, **SÃO OS ACTOS E TUDO QUANTO DELES POSSA DERIVAR.** E através disto que se pode ver o valor das palavras, o valor das promessas feitas ao Partido.

Nenhum membro do Partido, com razão, pode alegar, ignorância sobre a orientação desde há muito estabelecida quanto à maneira de como se deve comportar ao cair na prisão. A orientação que o partido nos tem apontado neste sentido está claramente expressa nos materiais que para tal fim elaborou.

A orientação do Partido, a este respeito, ficou claramente expressa na prática, pelos nossos camaradas, Alvaro Cunha, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues da Silva, António Dias Lourenço, Joaquim Campino, Jaime Serra, Guilherme da Costa Carvalho, António Euzébio Lopes, Luíza Rodrigues, Casimira da Silva, Irmãs Mercedes, Georgete e Sofia Ferreira e Colélia Fernandes.

A orientação do Partido, a este respeito, ficou claramente expressa, na prática pelos nossos camaradas Militão, membro do Secretariado do Partido, José Moreira funcionário do Partido, e Veneslau Ferreira, trabalhador de Gaia, assassinados pelo P.D.F. no decurso deste ano. A orientação do P. ficou captada na prática,



através dos exemplos cheios de aita a goidade comunista dados, recentemente, por estes homens e mulheres comunistas e por dezenas de outros à cabeça dos quais estão nomes como os de Bento Gonçalves, Caldeira, Alex, Germano Vidigal e Ferreira Marquez cuja vida não regatearam para o bem do Partido, da classe operária e do povo. O exemplo destes dignos filhos do nosso povo são o farol a alumiar o caminho a seguir. Os seus nomes ficarão para sempre gravados no coração do povo.

### QUAIS AS CAUSAS DO MAU PORTE NA PRISÃO?

Para que o nosso Partido possa levar a bom termo a grandiosa tarefa atrás referida, importa pôr bem a nu, as causas principais do mau porte de todos aqueles que, ao caírem na polícia, não quiseram cumprir a orientação do Partido.

1º— Quem a polícia denunciou organizações, camaradas, processos de actividade do Partido ou outros intadores e aspectos de luta contra o fascismo, **FÊ-LO POR SER COBARDE PERANTE O INIMIGO, POR SE TER DEIXADO VENCER POR ESTE E CAIR NO TERRENO DA DENÚNCIA ABERTA, NO TERRENO DA TRAIÇÃO.** Tal procedimento, só é próprio de quem nada tem já de comum com os comunistas. Tais actos foram praticados e só são próprios de quem **NÃO TEM NADA DE COMUM COM QUALQUER TRABALHADOR CONSCIENTE, COM QUALQUER LUTADOR ANTI-FASCISTA DIGNO DESSE NOME.**

2º— Quem a polícia denunciou organizações, camaradas, métodos de acção do Partido ou anti-fascistas, **FÊ-LO POR NÃO TER AMOR E DEDICAÇÃO AO PARTIDO, A CLASSE OPERÁRIA, FÊ-LO POR NÃO TER DEDICAÇÃO AO MOVIMENTO ANTI-FASCISTA, A CAUSA DA LIBERTAÇÃO DO NOSSO POVO.**

3º— Quem a polícia fez declarações prejudiciais ao Partido ou a quaisquer outras organizações e lutadores anti-fascistas, **FÊ-LO POR NÃO TER ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO, POR NÃO TER ESPÍRITO DE CLASSE, POR NÃO TER ÓDIO AO INIMIGO FASCISTA, POR NÃO TER NA MAIS MÍNIMA CONTA OS CRIMES, A EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO QUE ESTE CONTINUA A PRATICAR CONTRA OS COMUNISTAS E DEMAIS DEMOCRATAS E PATRIOTAS PORTUGUESES, CONTRA O NOSSO POVO.**

4º— Esta gente, **PERDEU ASSIM TODA A NOÇÃO DA HONRA, DO DEVER E DAS RESPONSABILIDADES, QUE TINHA ASSUMIDO PERANTE O PARTIDO E A CLASSE OPERÁRIA E ESQUECEU IGUALMENTE A CONFIANÇA QUE ESTES EM SI DEPOSITARAM, ESSA GENTE PERDEU A CONFIANÇA NO PARTIDO, NA CLASSE OPERÁRIA, NO MOVIMENTO ANTI-FASCISTA E NA VITÓRIA SOBRE O FASCISMO. ESSA GENTE PERDEU A CONFIANÇA NA CERTEZA DO TRIUNFO DAS FORÇAS DA PAZ SOBRE AS FORÇAS DA GUERRA.**

O nosso Partido só aqui pode encontrar as razões fundamentais que levaram uma série de elementos que, permaneceram nas suas fileiras, e denunciaram a polícia organizações, camaradas e processos de trabalho do Partido.

Ao ter conhecimento de casos de mau porte como os que atrás são apontados, certos membros do Partido, não sabendo encontrar as razões que os motivaram, admitiram que a polícia tinha utilizado injeções para fazer falar, e que o caso do José Martins pode ser proveniente de doença, estrambelhamento de nervos etc.

Se o nosso Partido não conseguisse fazer pôr de lado tais concepções elas representariam deixar o caminho livre às traquezas, a novas delações, caminho livre à teoria, de «a resistência física tem limites», etc. Não. Não há polícia nenhuma não há nada na vida que possa obrigar um membro do Partido a entrar no terreno da denúncia, se ele o não quer fazer se ele tem a consciência, a justa compreensão de que o não deve fazer. Isto está provado pela experiência do nosso próprio Partido. O Partido tem de pôr e porá uma barreira a tudo quanto seja contrário à sua política em matéria de firmeza perante o inimigo. Vejamos algumas das medidas que para isso se impõem.

### O CAMINHO A SEGUIR

1º— Os quadros forjam-se na luta de massas, na luta contra o salazarismo. Daqui teremos de concluir que uma importante tarefa a realizar, em relação aos quadros para o Partido, é o desencadeamento de novas lutas da classe operária, das massas trabalhadoras na defesa dos seus interesses económicos e sociais, em defesa da Paz, pela Liberdade e pela Democracia. «Só a luta educa a classe explorada—disse Lênine— só a luta lhe revela a grandezza da sua própria força, a ergue o seu hor-





zonte desenvolve as suas forças, esclarece a sua consciência, forja a sua vontade.»

2º—«Verificação cuidadosa dos quadros do Partido, incassando os seus antecedentes políticos e da sua vida particular, a estes aspectos que possam interessar para o conhecimento mais exacto da verdadeira face dos membros do Partido.» 3º—«Não deverá ser permitida a entrada no Partido, a elementos cuja biografia política e moral seja mal conhecida. Mesmo assim só poderão ser admitidos novos membros depois da aprovação dos organismos dirigentes do Partido.» Ao Partido devem ser chamados homens e mulheres, ligados às massas, com prestígio, que tenham dado provas de espírito de sacrifício e de dedicação ao Partido e à causa do Povo.

4º—«Para que se conheçam bem os quadros e se possam ajudar na eliminação dos seus erros e defeitos e por conseguinte no seu progresso, impõe-se levar a cabo um controle regular e efectivo à realização das tarefas que lhe sejam distribuídas. É através da boa ou má realização das tarefas que se podem conhecer melhor os quadros, ver os seus defeitos, as suas fraquezas e dificuldades e ajuda-los a fortalecer-se como verdadeiros quadros de vanguarda.

5º—«Ao mesmo tempo que se deve combater a crítica fácil, devemos intensificar dentro dos organismos do Partido, a crítica e auto-crítica de forma a que todas as bocas se abram e tragam assim a sua contribuição e experiência para defesa e progresso do Partido.» É através da crítica e da auto-crítica que se pode avaliar bem a cara política de cada quadro do Partido a sua dedicação a este o seu amor e fidelidade à luta pela Libertação de nosso povo.

A crítica e auto-crítica é-nos tão necessária e indispensável no trabalho do Partido, como o são para a vida o ar e a água, ensinam-nos o nosso camarada Stáline

6º—«É necessário fazer compreender a todos os militantes que prestar qualquer declaração à polícia sobre o Partido e a sua actividade, representa uma traição ao Partido, à classe operária e ao povo.» Mas para tanto impõe-se que o folheto «Se fores preso camarada», os artigos do «Militante» e do «Avante» bem como o último trabalho elaborado pelo Secretariado sobre o comportamento dos membros do Partido na polícia e no tribunal, sejam estudados e assimilados; que não haja dentro do nosso Partido um único militante que os desconheça. Cumpridas estas tarefas; seguida toda a orientação do Partido e conhecidos os dignos exemplos comunistas, todos os militantes terão condições para seguir o exemplo do nosso camarada Jaime Serra operário do Arsenal de Marinha e membro do Comité Local de Lisboa à data da sua prisão e que na cura do fascista Gouveia e demais polícias, afirmou «Recuso-me a fazer quaisquer declarações sobre a minha actividade partidária, por considerar que tais declarações seriam o caminho da traição e da desonra. Traição ao meu Partido que em mim confiou e à classe operária a que tenho orgulho de pertencer e aos quais devo fidelidade indefectível. Só mantendo tal atitude, a vida continuará a ter para mim o sentido que hoje tem o sentido da honra e do dever de comunista.» Este é o caminho que nos tem ensinado o nosso Partido. Este é o caminho que nos apontam o nosso camarada Alvaro Cunhal preso e cuja vida corre perigo e o nosso saudoso camarada Militão assassinado não há muito tempo pelo bando de criminosos da P.I.D.E.

No Partido não há lugar para os cobardes e traidores. Depurando as suas fileiras o Partido fortalece-se e torna-se mais vigoroso na luta contra os seus inimigos.

## ALGUMAS DEFICIÊNCIAS NO TRABALHO MILITAR

Se analisarmos o trabalho do Partido nas forças armadas, verificamos que, ainda não conseguimos eliminar grandes deficiências que persistem em manter-se. Para vencer estas deficiências algumas medidas se impõem, entre as quais, a necessidade de uma larga discussão em todas as organizações, com o objectivo de serem estudadas e aplicadas as medidas tendentes à mobilização e organização das forças armadas na luta contra o fascismo salazarista, pela Democracia, pela Independência Nacional, pela PAZ.

Para a realização desta tarefa, cuja oportunidade não sofre discussão, importa ter uma ideia bem clara sobre o papel das forças armadas no movimento nacional de luta contra o fascismo, isto porque, na base do mau trabalho que se verifica em todas as organizações do Partido, existem ideias menos justas e incompreensões profundas quanto a este problema.

Há camaradas que pensam que só as forças armadas poderão levar a cabo o derubamento do fascismo. Esta ideia que é muito do agrado dos «revirralhistas» e dos «putchistas» contradiz a experiência histórica que o Marxismo Leninismo nos ensina e a realidade nos tem demonstrado: **QUE É O MOVIMENTO DE MASSAS O FACTOR PRINCIPAL E FUNDAMENTAL**

## NO DERRUBAMENTO DOS REGIMES DE OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO.

A concepção errada de que as forças armadas decidem tudo é uma concepção retinamente petchista que nada tem a ver com o Marxismo-Leninismo e que despreza a experiência histórica e o papel das lutas de massas e a luta de todo o povo no combate ao fascismo. Os camaradas que são arrastados, de forma mais ou menos velada, a tal concepção não compreendem ainda a acção mobilizadora que exercem as lutas de massas na parte sã e honesta das forças armadas.

Mas esta concepção errada dentro do Partido tem sofrido nos últimos tempos grandes revezes, pois as lutas de massas dos operários e camponeses—de todo o povo trabalhador—dirigidas pelo partido e os constantes insucessos das tentativas petchistas, foi uma verdadeira escola, onde foi posto bem a claro a justeza dos princípios do Marxismo-Leninismo no nosso país.

Presentemente, temos que nos preocupar, principalmente, com a ideia oposta à anterior: ideia que defende que o trabalho nas forças armadas interessa pouco e não nos devemos preocupar muito com ele. Se a tendência anterior era a de sobrestimar o papel das forças armadas esta tendência reflete profunda subestimação do papel das forças armadas na luta do nosso povo.

Esta concepção prejudicial raramente é defendida abertamente, mas muitas organizações e camaradas, julgando e dizendo não defenderem tal concepção, na prática, na realização da sua actividade diária agem de acordo com ela. Logo, estes camaradas, queiram ou não queiram, defendem tal concepção. De outro modo não podemos explicar o desinteresse, muito generalizado nas nossas organizações e camaradas, pelo trabalho junto das forças armadas estacionadas nos seus locais de actividade e do fraco ou nulo trabalho realizado junto dos jovens comunistas no sentido de os esclarecer de qual deve ser o seu papel como comunistas quando da sua incorporação no serviço militar. Esta deficiência torna-se mais clara se tivermos em conta que se passam incorporações sem que uma única credencial seja enviada à direcção do Partido para ligar um jovem que foi incorporado; ou se tivermos em conta os muitos casos de jovens que antes do serviço militar cumpriam a contento a sua tarefa de comunistas e uma vez incorporados nada fizeram no sentido de justificar a sua qualidade de comunistas junto dos seus companheiros de quartel.

Na existência da concepção que subestima o trabalho do Partido nas forças armadas devemos encontrar a razão fundamental do nosso fraco trabalho ali e explica a existência duma forte incompreensão nas nossas organizações do papel das forças armadas na luta do nosso povo contra o fascismo, pela Democracia, pela Independência Nacional, pela Paz. Os camaradas que pensam e agem deste modo esquecem que a grande massa das forças armadas sofre igualmente o pesado jugo do fascismo, que elas são filhas do nosso povo e que, por isso, sentem os mesmos anseios e estão igualmente interessados no derrubamento do odiado governo de Salazar.

No momento presente em que o governo fascista e as forças da reacção mundial fazem todos os esforços por conduzir o nosso país a uma nova carnificina mundial e que os povos pacíficos e democráticos de todo o mundo lutam decididamente por frustrar os intentos dos criminosos dos fomentadores de guerra, torna-se bem clara a terrível responsabilidade que cai sobre o nosso Partido e suas organizações se não soubermos combater e eliminar a tempo as concepções de subestimação do trabalho do nosso Partido nas forças armadas.

Urge que todas as organizações do Partido dediquem a este problema uma grande atenção e que sejam eliminadas no mais curto espaço de tempo as incompreensões existentes tomando para isso as medidas que se impõem e que são, no fundamental, as seguintes:

1—Eclarecimento e desmascaramento dos objectivos agressivos da política do governo de Salazar junto da massa dos soldados, sargentos e oficiais patriotas do Exército, Armada, G.N.R., Guarda Fiscal e PSP..

2—Fazer idêntica acção junto dos jovens mobilizáveis e dar-se instruções concretas aos jovens comunistas para a sua actuação dentro dos quartéis.

3—Sempre que um jovem comunista seja incorporado fora da área da sua actuação deve ser passada credencial no sentido de poder ser ligado e receber o auxílio necessário a realização da sua tarefa.

4—Todas as organizações devem tomar medidas no sentido de multiplicar os seus contactos com os elementos das forças armadas da sua área de actuação e intensificar a organização dos elementos mais activos e combativos que se mostrem verdadeiramente dispostos a lutar contra a política de guerra do governo fascista de Salazar.